

Isabelle Borges - Dobras Silenciosas

Isabelle Borges apresenta sua primeira mostra individual na Galeria Paralelo intitulada *Dobras Silenciosas*, um conceito e obras elaboradas especificamente para esta mostra. *Dobras Silenciosas* não é somente um compêndio de pinturas de Isabelle Borges, mas principalmente um diálogo espacial tendo o espaço físico da galeria como ponto de partida e simultaneamente suporte da exposição a ser vista como uma única obra de arte em seu todo.

Segundo a artista :Os temas são as dobraduras do espaço que pesquiso no trabalho. Outro aspecto é que de fato, o espaço em si é silencioso. A comunicação ocorre de outra forma. Os trabalhos são compostos por colagens, decolagens de fragmentos tirados do contexto. Estes existem como vestígios de uma hiperinflação de informação e manipulação medial nos dias de hoje. Estas imagens deslocadas de seu contexto original, passam a ser elementos pictóricos e ter um outro discurso nos trabalhos. Nos trabalhos de papel, possuem um âmbito poético.“

Nesta série, Isabelle explora, através de formas abstratas geométricas, espaços e campos de cor. Nas pinturas predominará, além das linhas curvas e precisas, elipses criando uma geometria orgânica. A artista faz uso de uma pesquisa iniciada há aproximadamente três anos das dobras no espaço, este sendo visto como um tecido ou um plano maleável que se dobra.

Isabelle Borges realiza também nas paredes da galeria uma instalação site specific, ou seja, vai fazer uso da parede como suporte direto de sua composição artística, usando-a como um grande desenho, aonde linhas e planos de cor se interagem com trabalhos sobre papel.

Isabelle Borges estudou pintura na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e reside na Alemanha há mais de vinte anos. Aqui estudou na Academia de Düsseldorf com o artista Christian Megert, um dos fundadores do Grupo ZERO iniciado no final da década de 50 em um momento de ruptura e recomeço tanto nas artes quanto na história da Alemanha. Naquele momento os artistas do grupo pleiteavam um a emancipação dos gêneros clássicos e tradicionais explorando principalmente a ocupação espacial através da luz – símbolo de pureza e desprendimento.

O percurso de Isabelle Borges foi iniciado na região do Reno entre Düsseldorf e Colônia, grandes centros da arte na Alemanha, onde pôde conviver com artistas renomados como Sigmar Polke e outros jovens de sua geração. No final da década de 90 ela se muda para Berlim onde acompanhou o início e reestruturamento da cena artística local no período Pós Muro. Este cenário artístico em ebulição lhe deu vazão para o desenvolvimento de suas próprias idéias a serem instaladas em um nicho único criado a partir de seu legado cultural pessoal e o novo contexto local banhado de inovações respaldadas em um vasto universo histórico cultural com remanescências de um passado presente a influenciar o novo cotidiano.

Independente da distância geográfica de seu país de procedência, a artista incorpora em sua obra características marcantes de uma arte internacional enraizada nos dois continentes. Isabelle apresenta nos trabalhos concebidos para a mostra *Dobras Silenciosas* desdobramentos de sua última mostra individual em São Paulo realizada em fevereiro de 2013 no MUBE – Museu Brasileiro da Escultura. Nesta ocasião através da mostra *Seta do Tempo* Isabelle já explorava tendências respaldadas na tradição artística brasileira e alemã como por exemplo o concretismo e seus infinitos desdobramentos conceituais e estéticos. Estes explorados em planos de diversas perspectivas e sobreposições como que a extrapolar a moldura ou o chassis. Este desdobramento espacial dos traços, cores e composições passaram a ser expelidos do suporte convencional e conquistaram o espaço incorporando uma postura arquitetônica e tridimensional. Por este motivo a mostra de pinturas e desenhos *Seta do Tempo* foi concebida e realizada no Museu Brasileiro da Escultura, salientando desta forma o caráter escultural das obras em si.

A pintura de Isabelle Borges exalta elementos subjetivos e orgânicos delimitados por formas, traços e contornos definidos criando uma dinâmica própria e diálogo entre obra e público através de seu

PARALELO

caráter envolvente como em uma imagem tridimensional ou mesmo escultural. A observação de sua obra extrapola o caráter visual, sua dinâmica estética aguça todos os sentidos do espectador como a ouvir ou sentir o desdobramento das formas aí presentes.

Trabalhos da série „Break Out“ simbolizam o início de uma explosão pictórica a partir de um buraco negro como a hipnotizar o espectador, obrigando-o a focar na mancha negra central a expelir campos formais compostos por cores inusitadas. Na sequência surge a obra „Time after Time“, uma pintura circular remetendo a um relógio, sendo que os ponteiros são substituídos por traços precisos a dividir o espaço em campos formados por colagens fragmentadas de imagens e informações do cotidiano, este infelizmente a ilustrar conflitos da atualidade representados por protestos e outras situações aparentemente sem solução imediata – eis aí o sentido do uso do formato circular nesta obra como a abranger um ciclo temporal e não imediatista.

Obras como „Fold“, „Vento“ e „Echo“ atuam como uma imagem dentro da imagem devido ao grande contraste entre o fundo e a imagem de frente. A sobreposição dos campos pictóricos e traços distintos criam uma alusão a colagens de materiais distintos, criados apenas a partir da diversidade estrutural da pintura. Pinceladas soltas e informais soam como uma caligrafia sutil, a qual causa por fim uma dinâmica espacial em grande velocidade a revolver os campos da pintura criando fragmentos soltos como na obra „Vento“. Enquanto isto na obra intitulada „Echo“ composta de um diptico, a figura central tem uma postura tão marcante quanto a de um pictograma a exemplificar e preservar sua narrativa baseada em um formalismo acentuado pela forma e cor que a compõem.

Já a obra „The Plan“ delimita os espaços da tela criando fragmentos compostos de tonalidades distintas de brancos em contraste com um rosa sutil como a demarcar o território e fronteiras em um conflito estético. Esta obra abre caminho para uma série de pinturas menores de um conjunto chamado de „Signs and Wonders“ apresentados em bloco. Esta obra extrapola os limites de cada uma das pinturas individuais, pois Isabelle as tem como fragmentos individuais de um todo – este representado por uma pintura site specific na parede a amparar estas telas individuais conectadas através de linhas como uma extensão do desenho na parede, como se a pintura vazasse de um atela para a outra. „Signs and Wonders“ atua como um patchwork em uma tentativa de unir os diversos fragmentos abstratos individuais. Esta tentativa de união dos fragmentos seria supostamente uma tentativa de leitura das simbologias dos trabalhos. Mas esta tentativa é em vão, pois Isabelle Borges não nos revela uma narrativa contínua e sim desmembrada – tanto que suas pinturas são povoadas por letras individuais presente na obra somente pelo caráter simbólico estético e não contextual.

Assim como o trabalho de Isabelle Borges é composto de colagens, decolagens, fragmentos, símbolos em transição e imersos em campos pictóricos; sua narrativa há de permancer um enigma envolto em um mecanismo de auto-rotatividade. *Dobras Silenciosas* é somente um fragmento de um todo que a artista nos revelará paulatinamente em seu percurso.

Tereza de Arruda, curadora
Berlim, outubro 2014